



UM NOVO DIA AMANHECEU
HOMILIA NO FUNERAL DO PE. JOSÉ MIGUEL TORRES PEREIRA

23 Janeiro 2015 – Igreja Paroquial de Apúlia – 10h

Desde quarta até hoje, há um silêncio que nos acompanha e nos faz percorrer um caminho semelhante ao tríduo pascal. Um silêncio que nos faz sentir pequenos diante do mistério sempre inquietante da vida e nos rouba as palavras que consideramos preciosas para acalmar a dor de quem sente a partida. Um autor desconhecido do século IV, provavelmente Epifânio de Salamina, parece despir-nos a alma e traduzir os nossos sentimentos: «Um grande silêncio reina hoje sobre a terra; um grande silêncio e uma grande solidão. Um grande silêncio, porque o Rei dorme».

Como Pedro e João, no primeiro dia da semana, corremos hoje para junto do túmulo à procura dos sinais da ressurreição. E eis que o altar desta igreja, com uma toalha branca deposta, nos recorda o túmulo de Cristo e nos compulsa a contemplá-lo sem adornos nem artifícios. Olhamos e nada vemos, tal como Pedro e João nada viram. Mas é nestes momentos que devemos caminhar ao ritmo dos discípulos de Emaús e fazer memória do que significa ser discípulo de Cristo gastando a vida por Ele.

S. Paulo, na primeira leitura, apresenta-nos Cristo como o sacerdote perfeito e o único mediador da nova aliança entre Deus e o Seu povo. Se a primeira aliança fora selada por letras, vínculos e ritos externos, a nova foi, e continua a ser, gravada com estilete no coração, ou seja, com a entrega da vida. Diz ainda S. Paulo, agora aos Coríntios, «é evidente que sois uma carta de Cristo, escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo» (2 Cor 3, 3). A vida do Pe. José Miguel foi também para nós uma carta escrita mostrando o amor de Deus. Graças ao seu ministério sacerdotal, e importa reconhecê-lo sempre, de tantos outros sacerdotes, descortinamos a aliança que Deus estabeleceu com a Humanidade. Ser presbítero significa, neste sentido, incendiar o estilete com que Deus grava a Sua lei de amor no nosso coração e, por nosso intermédio, no mundo.

O Evangelho segundo S. Marcos sublinha outra ideia igualmente profunda. Jesus «chamou à sua presença aqueles que entendeu e eles aproximaram-se». Chamou-os para andarem com Ele e eles aproximaram-se. Só posteriormente os enviou a pregar e libertar os oprimidos. Segundo Marcos, a ideia de estar com Jesus é o pilar do discipulado cristão. Diria mesmo que, para um cristão, e com maior propriedade para



um sacerdote, estar com Jesus é imprescindível. É aquilo que cunha a nossa identidade e dá sentido aos nossos gestos e opções de vida.

Talvez muitos não compreendam a razão pela qual um jovem, desde tenra idade, entra para o seminário. Talvez não compreendam também a razão pela qual gastar energias a servir, a escutar e a cuidar de um povo quando tantos outros projectos de vida são igualmente fascinantes. A razão é apenas uma. Opta-se pelo melhor. E o melhor, para um coração sacerdotal, é Cristo. É essa liberdade de coração, esse prazer genuíno de estar com o Mestre, que irradia para os demais e mostra a alegria de viver a fé ardentemente sem ambiguidade.

Mas, caríssimos irmãos, Deus chama a toda a hora. Sei que esta hora nos parece demasiado cedo para o último chamamento. Mas permitam-me que termine de citar a homilia de Epifânio de Salamina. «Levanta-te, tu que dormes [...]. Levanta-te dentre os mortos, eu sou a Vida dos mortos». Com esperança cristã, acreditamos que o Pe. Miguel se encontrou com a Vida e, por isso, intercede agora por nós, como tantas vezes o fez nas eucaristias desta comunidade.

Que este momento de comunhão fraterna em Cristo fortaleça a nossa unidade, uma vez que estamos a celebrar a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. Fazemo-lo com a frase bíblica «Dá-me de beber!». Por diversas vezes, os evangelhos falam da sede, da água e do acolhimento das necessidades. Neste encontro particular entre Cristo e a Samaritana, sobressai o movimento de Cristo que vai ao encontro e pede que lhe dêem de beber. Hoje o mundo necessita da nossa *unidade*. Unidade com Cristo e, por Ele, com toda a comunidade sacerdotal e eclesial. Só unidos seremos água viva que responde à sede de um mundo que pretende viver sem Seus. São tantos os problemas e as expectativas. Ninguém sozinho consegue ser resposta adequada.

A vida do Pe. José Miguel foi breve, é certo, mas tudo foi cumprido. Deu-se até ao fim, amou até ao fim. Tudo está consumado e agora vive ressuscitado. Que isso nos inspire, nos conforte e nos una na mesma fé e nos diga que, por Deus, a alegria do Evangelho deve chegar a todos.

António Correia de Oliveira, um poeta do século XX que se fixou em Esposende, escreveu certa vez: «É certo! Um novo dia amanheceu // Mas, para o amanhecer, quanta negrura! // quanto inferno de sombra e de amargura! // E quanto purgatório, antes do céu!».



Pe. Miguel, cedo para ti o dia amanheceu, quanta negrura antes do céu. Mas agora que vives entre os esplendores da luz perpétua, onde desaparecem as sombras da amargura, toma conta de nós e continua a amar-nos com o teu coração sacerdotal e faz com que em todos os sacerdotes e cristãos da Arquidiocese se intensifique o gesto de estar com Jesus para, depois, alegre e corresponsavelmente, o darmos a quem tem sede d'Ele, ainda que não o diga. Intercede por nós junto de Deus para que a Igreja Arquidiocesana, através de uma fé vivida, por sacerdotes e leigos, seja verdadeira fonte onde todos se saciam e saboreiam o amor de Deus. Aqui e agora queremos ser uma coisa contigo. Devolve-nos a graça de uma Igreja unida na mesma fé e que o amor entre nós vença todas as dificuldades, inclusive a dor que a tua morte, inesperada e incompreensível, gerou.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*